

O POVO ESPOZENSE

SEMANARIO INDEPENDENTE

ANNO III

ASSIGNATURA PAGAMENTO ADIANTADO
Por anno, sem estampilha, 1:200 rs. Por semestre, 600
rs. Com estampilha, anno 1:360 rs. N.º avulso 40 rs.
Brazil, anno, (moeda forte), 2:500 rs. Não se restituem
originaes.

REDACÇÃO E TYPOGRAPHIA, RUA DO ARCO N.º 8

Editor—J. da Silva Vieira

Domingo, 19 de Agosto de 1894

ANNUNCIOS LOGAR COMPETENTE
Por cada linha (corpo 14) 40 rs. Repetição, menos 10 o.
Comunicados, ou reclames, 40rs. a linha. Os assignantes
25 o.º de desconto. O pagamento dos annuncios é feito
no acto da entrega do original. Imposto do sello 10 rs.

N.º 109

A SITUAÇÃO

Começou a vida das praias. Principiou esse louco reinado de divertimentos e folias, onde o dinheiro impera sobre tudo e onde tudo se mostra alegre e sorridente. Findaram as apoquentações familiares, terminaram por algum tempo as divergencias dolar e deixaram de existir os receios e os temores.

Mas não succede tudo isto sómente na vida particular; a vida publica resente-se poderosamente d'este DULCE FAR NIENDE, porque os ministros e os altos funcionarios, abandonando a gerencia das suas respectivas repartições, fogem em debandada para as formosas praias do nosso litoral e deixam correr a administração do estado ao talante de ventos pouco favoraveis.

N'estes dois mezes pensa-se em desopilar o espirito, FLANANDO principescamente pelas thermas e estancias, no gozo de felizes dias, sem que a lembrança de TURVOS ARES venha lançar uma mancha preta no azulado ceu d'estas felicidades momentaneas e ephemerias. Gira a batota desenfreadamente; gastam-se de-

zenas de contos em jogos especulativos, sem se pensar no paiz e nas crises que continuamente o assoberbam. Aos risos succedem-se risos, ás festas, muitas festas, e ninguem olha para a miseria que internamente lavra nas entranhas da patria, Não se olha para o dia de amanhã, nem nos intimida a taça de fel, que indubitavelmente hemos de libar quando o dinheiro que esbanjamos foliando nos faltar para o restrictamento indispensavel do nosso viver socegado.

A cegueira é completa.

E o chefe do Estado dá o exemplo. Em lugar de se fechar no seu gabinete a estudar a maneira mais praticavel de salvar o paiz do abysmo que o pretende tragar ou corre em viajata pelas terras mais importantes, promovendo despezas superfluas com bandeiras e foguetes, banquetes de espavento e colgaduras vistosas e ricas ou seguido de um sequito numeroso vae caçar nas tapadas reaes e rir despreocupadamente da ligeireza dos gamos ou das quedas dos menos experimentados. Não o incommodam as angustias da nação, nem o sensibilizam os

choros lancinantes do povo que verga ao peso de exagerados impostos e ao despotismo que um governo anti-liberal traz em acção. O rei não tem ouvidos para estas miserias. Julga viver n'uma interminavel paz, balouçado n'um manto de arminho ao impulso das sympathias dos seus vassallos.

Praza a Deus que o Rei não veja desabar esse phantastico castello.

(J. D'ANADIA).

MORALISANDO

A INSTRUÇÃO

Os proveitos que a humanidade tem, em todos os tempos, auferido da instrução, é assumpto sabiamente discutido. Actualmente, porém, a instrução é uma necessidade e, como tal, um dever.

Actualmente, que as fronteiras dos estados tendem a desaparecer, absorvidas na onda immensa em que commungam as aspirações de todas as raças, nivelando o homem com o homem pela federação universal das ideias, planando as excrescencias, unindo todos os espiritos n'uma cadeia luminosa de sentimentos humanitarios; actualmente, que, o homem, pelo impulso enorme do seu genio, tem conseguido domar a furia dos oceanos, perfurar os montes, sondar o espaço, corresponder-se com os astros, medir-lhes as orbitas; actualmente, que a grande lanterna da razão conseguiu projectar um raio im-

menso de luz nas sombras do periodo theologico em que a metaphysica acorrentava os espiritos ás suas normas impenetraveis; actualmente, que a roda da evolução psychica mostra ao dia, a verdadeira face natural e positiva do homem, onde deve ler-se a razão da sua propria Razão; actualmente, digo, uma esphera enorme circumscreve o campo da sua actividade, campo inteiramente novo, perfeitamente adequado ao novo exercicio das suas facultades tanto physicas como moraes. E, na verdade, o homem, unindo a si os factores que o progresso lhe vae dia a dia fornecendo, do mesmo passo que liberta o espirito de preconceitos velhos, generalizando os principios immutaveis da conservação natural por meio da balança, na chimica, e da transformação integral e reciproca dos agentes physicos, vae implicitamente creando, para si, um meio inteiramente novo.

E' da perfeita intelligencia de este meio que depende o seu futuro e o da sociedade. D'aqui se vê que o homem deve, simultaneamente, transformar, melhorando, a obra da sua especie e instruir-se. Deve saber que lhe não é naturalmente licito ultrapassar o limite que elle proprio se traçou, nem ficar aquem de esse limite, porque, no primeiro caso, destruirá a sua obra e no segundo será elle proprio o destruido por ella. D'aqui a necessidade impreterivel da instrução.

Por outro lado, analysando as consequencias da sua acção, como causa transformadora, deduz-se logicamente que, da lucta herculea do compulsar e domar da natureza, dois grandes principios, dois como axiomas indestructiveis, deviam evidenciar-se natural e racionalmente:— um que firma a independencia do homem como parte integrante de um todo, o universo, e que lhe dá o direito da auctoridade sobre si—a Li-

berdade;... outro que assente as bases da planificação equitativa do direito de acção—é a Igualdade.

Ao mesmo tempo o homem deduz empyricamente que é e ha-de ser pelo esforço do seu braço e da sua intelligencia que elle hade conquistar para si o foro de homem livre. Isto mesmo já elle comprehendeu, este seculo, revelando-se na imponente manifestação, prevista por Comte, dos centenarios, festas universaes que são apenas nacionaes, verdadeiras apotheoses dos homens que, pelo seu trabalho, dêram á humanidade um exemplo de iniciativa saudavel.

Demonstrada a synthese affectiva da humanidade no supremo ideal dos povos, a fonte perenne da sua felicidade futura—o trabalho, resta dar-lhe expressão, concretisal-a, corporifical-a.

A Liberdade e o Trabalho são simultaneos. Assim como o homem, sendo livre, tem o dever de trabalhar para o bem commum, assim para trabalhar deve ter o direito de exercer individualmente a sua acção e por consequencia de ser livre. Aqui impõe-se a instrução como um dever.

O ensino conveniente a cada classe laboriosa, generalisa os conhecimentos do objecto para que essa classe dirige especialmente a sua actividade, funda os costumes, no dizer de Rebello da Silva, e interessa os povos no cumprimento do seu dever. E quando a sciencia collectiva, como consequencia de uma nova actividade dos seus membros, ignora (o que de ordinario acontece) a sua propria força, os meios de que deve lançar mão, os seus recursos, este, por falta de conveniente orientação scientifica, a nova ideia que se desenvolve nunca pôde ser grande e duravel porque grande e duravel é só o que vive com inteiro conhecimento do *porquê e para quê* da sua

FOLHETIM

A NOBREZA DO OPERARIO

a C. . . .

Pedro era um operario, muito intelligente, chefe de numerosa familia e bemquisto de toda a povoação que habitava aquella villa. Trabalhava sem descansar todo o dia e á noite quando voltava para casa sentava-se n'uma velha cadeira perto da chaminé onde crepitava um bom lume, e chamava os seus pequenos filhos e contava-lhes historias e bons exemplos de moralidade e honradez.

Eu visitava-o amiudadamente e por isso tive ensejo de lhe ouvir algumas d'essas historias. A mais recente, e a de que melhor me recordo, é a seguinte.

Estavamos em dezembro de 1891. Era quasi noite e dirigia-me para casa do operario, quando ao desembocar d'uma rua esbarrei com um homem que, de blusa e bonnet de seda, caminhava apressadamente.

Pedí-lhe desculpa do encontrão que lhe dera e, quando elle balbuciava um—não tem de quê—reconheci-o. Era nem mais nem menos que o meu amigo Pedro.

—Então como passa?—pergun-

tei-lhe.

—Menos mal, e o sr.?

—Bem, obrigado.

E seguimos conversando. Quasi ao fim da rua destacava-se uma casinha muito branca. Era a habitação do modesto operario.

Chegados ali bateu-se á porta e veio abrir-lhe a mulher, uma grande mocetona que, rodeada pelos filhos, lembrava uma gallinha com os pintos. Entramos e depois de abraçar a mulher e beijar os filhos o operario dirigiu-se para a lareira. Fez sentar os dois mais pequenos sobre os joelhos e os mais velhos sentaram-se em bancos que o pae lhes fizera. Eu cheguei-me tambem para perto d'elles, disposto a ouvir, como de costume, mais algumas historias, enquanto a mulher tratava da ceia d'aquelles bemaventurados entes.

—«Ha alguns annos, começou elle, vivia n'uma villa uma familia composta de homem, mulher e uma creancinha de mama. O homem era ferreiro, como eu, e a mulher empregava-se no trabalho domestico. Viviam felizes, nada os incomodava, faziam todo o bem que podiam, pelo que eram muito estimados. Um dia viu-se o operario sem trabalho. Correu todas as officinas mas, de balde, nada encontrou. Passavam-se sema-

nas e semanas e o ferreiro depois de gastar as suas economias, resolveu ir esmolar. A primeira casa aonde se dirigiu foi a de um grande ricoaso chamado D. João. Transpoz o portão e logo um cão enorme ladrou furiosamente. Um creado veio saber o que era, e reconhecendo o ferreiro perguntou-lhe o que queria.

—«Uma esmolinha, balbuciu o operario.

—«O creado voltou dentro e disse ao amo que um operario implorava uma esmola.

—«Eu não dou esmola a mandriões.

—«Mas senhor, o pobre diz que não tem trabalho.

—«Se o não tem é porque não quer trabalhar. Quem é elle?

—«E' F. . . .

—«Quem? . . . O ferreiro. . . o republicano? . . .

—«Sim senhor. Coitado, é tão bom homem.

—«Poe-me já esse maroto no meio da rua, e que me não torne a encomodar. Cá não se dão esmolas a republicanos.

«O ferreiro ouvira esta conversação e mal se sustinha de pé. O creado veio dizer a resposta do amo, e depois olhando para todos os lados e não vendo ninguem, metten-lhe fur-

tivamente na mão uma moeda de prata. O ferreiro agradeceu-lhe e arrasaram-se-lhe de lagrimas os olhos. Na sua consciencia confrontava o procedimento dos dois. Um, tão rico, saído da boa sociedade, dispendendo rios de dinheiro em inutilidades, negava uma esmola, simplesmente porque o infeliz que a implorava era republicano! O outro, sem educação, filho d'um pobre pastor, reduzido á misera condicção de creado, viaha socorrer com o seu abulo o pobre operario. Chegando a casa contou a sua mulher o succedido, sendo acomettido d'uma febre horrivel, que o ia atirando para o tumulo. Quanto tempo esteve assim? Ignora-o. Finalmente accordou d'aquelle lethargo. Olhou em roda e viu n'uma banquinha de cabeceira diversos frascos de remedio. Em frente um armario cheio de pão, e na chaminé crepitava um bom lume, no fogão uma panela de barro onde se cosia um frangão. O ferreiro ao vêr isto sentiu-se reviver. Perguntou então á mulher d'onde tinha vindo tudo que via. Foram os nossos visinhos que nos mandaram tudo, respondeu-lhe a boa mulher, sorrindo ternamente. Restabelecido, agradeceu a todos que lhe tinham valido e foi trabalhar.

«Decorreram mezes. Era noite.

As torres tocavam a rebate. Fogol. . . em casa de D. João. O ferreiro encaminhou-se para lá. O palacio era lambido pelas chammias, fazendo um estrepito medonho. Todas as pessoas se tinham salvo, á excepção de uma creança, filha de D. João.

—«Dou a minha fortuna, mas salvem minha filha—gritava o desgraçado pae.

Ninguem se mecheu. Subito, um homem precipitou-se na fogueira. Instantes depois era deposta nos braços da familia a pobre creancinha. D. João puchou de uma bolsa, mas o benemerito operario recusou, dizendo:

—«Obrigado, senhor, mas o contentamento que experimento n'este momento é paga de sobejo para o pouco que fiz.

E correndo desapareceu, deixando estupefacto D. João, pois este tinha reconhecido no salvador de sua filha o ferreiro. . . o republicano. . .

O heroe d'esta historiasinha era o meu amigo Pedro, o modesto operario, que ensinava os filhos a fazer bem a quem pagava mal.

Abraçei-o, e depois de me despedir de todos sai, pensando quão nobre e generoso era o coração d'aquelle honrado operario.

M. NEVES.

existencia.

O homem, pois, para ter o direito de ser livre (não se entende aqui a liberdade material absoluta, a licença, a liberdade da anarchia que apesar de ser de direito a liberdade de tudo o que é individuo, como o homem, não poderá realizar-se enquanto este, de per si, não souber cumprir rigorosamente o seu dever; e sabe-se que esta sciencia perfeitissima é utopia puramente irrealizavel) o homem, diziamos, para ter o direito de ser livre deve conhecer-se o bastante para saber dirigir-se como homem livre; tem o dever de ser juiz de si mesmo para se julgar, para se absolver ou condemnar; tem de ser rei para se mandar e dirigir convenientemente, tem de ser vassalo para se obedecer a si proprio; tem, finalmente, o restricto dever de instruir-se; e, como sequencia da Igualdade, que suppõe o concurso de todas as almas para um fim commun que é o bem da humanidade, tem igualmente o dever de instruir os outros, seus semelhantes, seus irmãos. E' esta abnegação humanitaria, toda amor, que ha-de operar, quanto mais adiantado for o grau da sciencia relativa, os grandes milagres da civilização moderna, pela união racional de todas as intelligencias, união que é, por assim assim dizer, o areopago onde as ideias se abraçam com a inergia necessaria para que faisque brilhantissima a luz da civilização.

Barca do Lago.

J. M. D'OLIVEIRA.

CARTAS DE LONGE

RIO, JULHO—94.

VIII

«Para as torradas manteiga
Para o fastio limão,
Toda a facada tem cura
Não chegando ao coração.»—

—N'uma toada merencoria, como a das litánias que ondeiam pelas humbrosas naves d'um vasto e silencioso templo—repassada de longos e plangentes ais, casando-se com os gemidos d'uma viola que sentimentalismo de apaixonado dedilha—uma voz canta á pópa.

Nimbados pelos raios argenteos da lua os mastros foram o Azul, e espiraes de luz descem por elles aos braços, espreguiçando-se, enquanto a briza suavemente murmura nas vergas, segreda pelos interstícios do cordame; e o casco do navio parece arfar, voluptuoso, sobre o leito de crystal onde os risos das estrellas reflegem.

Ali perto fileiras de luzes reveem-se nas agoas, e altos montes envoltos em sudarios luctuosos recortam caprichosamente o céu; vultos negros d'onde em onde parecem acenar-nos cadenciadamente:—leques de palmeiras que a viração faz curvar; e lá longe, na linha do horizonte tenebroso, ha como o debater de azas alvas, acolá, mais além:—a ospuma das ondas que mar fóra se distendem...

Nas agoas remançosas do Ancora-douro—o grande leito de crystal onde os astros se espelham—o navio dorme, arfando a espaços, languidamente, erguendo os braços ao céu, muito retesados, hirtos, como se lhe decorresse um d'esses pesadelos terríveis, em que atroz abyssos se nos cavam aos pés, complexos de phantasmas nos procuram arrastar para ao de dentro. No alto mastro, palpitante—remendo branco no céu de torquesa—o signal desenrola-se, colgando, n'om voltar serpentino; e quando o luar escorre por elle, em letras azuladas a custo se lê: TRIUMPHO.

A' ré o pavilhão nacional rouba ao céu a côr azul, e á mansa onda que em baixo escuma a côr da acucena nevada, casando-as em intimo abraço, como o que em nossas almas entrelaça demais as tão caras recordações, vendo-o ali palpitar mui longe da inolvidada patria.

—Foi ahi onde, ha dias, procurei adormentar saudades junto a peitos amigos d'alguns conterraneos—que no maximo (inclusivé o capitão e mestre), constituem a tripulação—aviventando constantes lembranças que na alma demoram, bellos dias idos, mares além, n'esse aprazível e florido canteiro do nosso «jardim á beira-mar plantado».

Caía a tarde mornamente, cercando o navio d'uma meia penumbra avermelhada, despregando morosa feras crêpes dos topes agudos dos mastros ao expirar ao longe, no dorso verde negro d'uma onda, o ultimo raio do sol.

Sentado no castello de pópa o Amancio afinava a amiga viola, attentamente, a cabeça pendida para o largo peito onde o farto bigode loiro passeava, quando de ouvido quasi collado ao braço do instrumento, o «artista» parecia absorver a nota ferida pelo dedo na corda que a evoluava. Os primeiros gemidos do FADO corrido desencadearam-se como repassados de lagrimas e soltos por almas que soffriam; e estirado ao lado d'elle, o «Gago» levantou a voz melancolica, de quando em quando uns ais todos almos...

Sentados no tombadilho, silenciosos e o pensamento mui longe, revendo nas estrellas olhares queridos, ouvindo no cicar das virações nas exarcias vozes amadas, no quebrar da onda suspiros de saudade—viviamos nos palacios encontrados que a Phantasia ergueu para a realidade das nossas esperanças, dos nossos mais ardentes desejos...

—P'ra cantar não ha como um gago—disse o «mestre» cofiando as emaranhadas barbas encostado à amurada—e accordando-nos d'este sonhar accordado.

E n'essa toada merencoria, como a das litánias que ondeiam pelas naves d'um vasto templo, muito repassada de ais—o «Gago» casava as dolentes quadras do FADO com os gemidos da viola apaixonadamente dedilhada. D'aquella voz e d'aquellas cordas parecia evolvar-se essa mesma tristeza, que ás nossas almas traz a nostalgia da patria ausente, da familia querida, da mulher amada; o suspirar d'essas recordações dolorosas, de quando iam villa fóra n'uma «ronda»—terminada a labuta da pesca, aos Domingos—cantando alegrias—te' à «dança» onde se juntavam as «moças» d'olhos negros e faces vermelhas, sarcoteando-se nos saltos do «Vira da Maia»—ali n'uma casa terrea, nevada e fresca, de pescodor «remediado».

Depois o Amancio quiz lembrar-nos bellos tempos que tão breves bateram azas, mettendo na muzica tão popular da nossa terra—o Santo Amaro Jabutão—estes versos:

«Hei de carcar a Triumpho
Com folhinhas de palmito,
Para ver se n'elle cêrco
O Senhor capitão Tito»—

... e eu vi-me de novo entre a bella rapaziada, sobraçadas as guitarras, por essas ruas além sob um luar de prata, na tradicional «serenata»; e noite velha, n'uma verdadeira algazarra infernal—berrando o «Hei de carcar Espozende», preparando-vos assim uma longa insomnia, quando certamente vos dispunheis a fazer no fofo leito a digestão das classicas «aferventadas», acariciando a idéa d'uma gostosa sonêca... Rapaziadas que vós afinal desculpasteis sempre, por entre longo «abrir de bocca» logo ao outro dia—recordando esse feliz tempo que então nós usufruiamos com todos os seus risos, e vós já lhe chamaveis o passado por entre saudosas lagrimas...

Com justo motivo seria apodado de iograto e de indelicado se me não apressasse a agradecer a todas as gentis damas que pelo ultimo paquete me enviaram os seus cartões, com

o fim—não só de se informarem da saude da Biby, como tambem de traduzirem os ardentes votos que têm feito ao Eterno para que brevemente a libertasse do terrível mal que a acomettera—a ictericia—e de mais uma vez confirmarem a sincera amizade que lhe tributam. Felizmente tenho a declarar-lhes que a Biby tem passado, e continua passando bem, com os olhos mais azues que o céu patrio e as faces carminadas como as rosas de Maio; foi tão somente um boato que o typographo do «Povo» por ahi fez circular, lançando-n'uma terrível indigestão causada pelo «ceú azul» que comeu (safa! que estomago!) e que lhe fez ver a Biby com «olhos fulvos»... (1) Comtudo a falsidade do boato não me inibe do meu sincero obrigado a todas, e d'um beijo da Biby. Seu typographo, veja lá se faz ao «da Biby» o que fez ao «ceú azul» porque as damas... nem é bom pensar n'isso...

Tem juiz tambem, ao meu obrigado a quasi totalidade dos cavalheiros, e digo quasi, porque entre os cartões não encontrei o do meretissimo «escalpelador» P. NEGRÃO, que atarefado com a autopsia ás «REALIDADES» não viu, ou antes (e com mais justiça) não percebeu tal «phenomeno»—o que é na verdade desculpavel e digno de commiserção, visto que muitos collegas seus—apezar de nunca cursarem a «Medicina»,—receitam e operam», como por exemplo—o mestre esfolo, o Fígaro lá da terra... E como só a isto eu attribuo a sua indelicadeza, e a sua não solidariedade com os mais patricios—creia que para mim ficou valendo tanto como oul'ora, e portanto continua digno da consideração que até hoje me tem merecido e lhe tenho dado... não sei se percebe.

LUIZ VIANNA.

(1) Vid. «Realidades» II no n.º 99.

CAMARA MUNICIPAL

Sessão ordinaria de 4 de Agosto de 1894:

Presidencia Vianna, vereadores Patusco, Lima e Santos, bem como o administrador do concelho. Lida e approvada a acta, em minuta, da sessão anterior, foi apresentada a correspondencia seguinte:

Offícios:

Um do engenheiro director da 2.ª circumscripção hydraulica do Porto, de 22 de Julho, enviando o requerimento e planta de Joaquim Rodrigues Ferreira, d'esta villa, em que pede para reedificar no antigo alinhamento a vedação de um campo que possui no sitio das Cruzes, e construir uma casa e eira, afim d'esta camara informar o que a tal respeito se lhe offerecer; Inteirada e resolvem que se lhe declare que o terreno pretendido se acha aforado desde 1844 a diversos individuos pescadores d'esta villa. Outro da Junta de Parochia, de Fão, n.º 17, enviando a copia da acta da sessão de 22 do referido mez em que se resolvem, em vista dos acrescimos auctorizados que houveram nas obras da torre e outras obras a que a mesma deu causa, ser necessario contrair-se novo emprestimo, aproximadamente a quantia de 687\$000 reis; Inteirada e resolvem tomar em consideração para estudar o assumpto.

Requerimentos:

Um do Presbytero José Pereira da Costa Lima, de S. Bartholomeu, pedindo attestado do seu bom comportamento; attestaram affirmativamente. Outro de Vicente Manselhe, da freguezia de Santa Maria de Podro, concelho do Padrão, provincia da Coruña, e residente na freguezia de Rio Tinto, d'este concelho, pedindo se lhe lavre o termo de declaração de conformidade com o § 1.º do art.º 18 do Cod. Civil, de que seus filhos Manoel e Joaquim, nas-

cidos na referida freguezia de Rio Tinto, seguem a sua nacionalidade de cidadãos estrangeiros; accordaram deferir lavrando-se o termo requerido. Outro de Manoel d'Azevedo Arantes, de Fonte-bôa, pedindo certidão da vistoria feita no dia 21 de julho na freguezia de Fontebôa, á cerca da estrada em construção de Fão a Fontebôa, por causa de uns aqueductos; accordaram que não se tendo feito a vistoria a que se refere o requerimento, não ha motivo para se passar a certidão pedida. Outro de Victoria da Costa, da freguezia de Fão, pedindo licença para deposito de materiaes, afim de reedificar o seu predio sito na rua d'Areosa; accordaram deferir não embarçando o transitio publico. Outro de Joaquim Gonçalves Paturro, da freguezia de Fontebôa, pedindo alinhamento para a vedação que pretende fazer em seguimento e para o lado sul de uma casa que possui no logar da Igreja da mesma freguezia; accordaram deferir encarregando o fiscal d'obras com assistencia do sr. vereador Vasquinho para dar o alinhamento requerido. E por nada mais haver que deliberar se encerrou a presente sessão.

ECHOS E NOTICIAS

Romaria

Correu muito animada e sem incidente de maior, a romaria de Nossa Senhora da Saude que se realizou nos dias 14, e 15 do corrente.

Os fogos e as illuminações da noite de 14 foram pouco apreciadas por motivo do nevoeiro espesso; no entanto o arraial conservou-se repleto de forasteiros até quasi ás 2 horas da madrugada.

As musicas executavam um selecto e variado repertorio, e agradaram muito. No dia 15, concorrença extraordinaria de pessoas d'esta villa, de Fão e d'outras localidades, que foram passar algumas horas apraziveis na amenidade do lugar.

Calcula-se que a «kermesse» rendesse de 22 a 27 mil réis.

Missa nova

Celebrou no dia 15 do corrente, na capella de N. Senhora da Saude, a sua primeira missa, o rev. Martins Giesteira, irmão do nosso amigo rev. Manoel Martins Giesteira, digno reitor das Marihuas.

As nossas felicitações.

Desastre

Na ultima 5.ª feira um dos operarios que trabalham nas obras da torre da igreja parochial de Fão, cahiu de grande altura e quebrou uma perna além de outras contusões de somenos importancia.

Foram chamados os habeis clinicos srs. drs. Cypriano Alexandrino e Moreira Pinto, que prestaram ao infeliz operario os primeiros socorros medicos.

O desastre emocionou a população da freguezia.

Uma doutora

A sr.ª D. Domitilia Hormisinda Miranda de Carvalho tenciona formar-se na faculdade de philosophia da Universidade, no proximo anno lectivo, visto ter sido bem classificada em todos os actos.

A este respeito diz um illustrado correspondente de Coimbra:

«Esta talentosa senhora, que já se pôde collocar na longa galeria de portuguezas duntas, onde brilham os nomes de Leonor de Noronha, Christina Ursula de Sá, Constanca Mendes Sobral, Joanna Vaz, Umbelina Mendes de Tavora, Monica Josepha, Joanna Michaela Publia Hortensia de Castro, Paula Vicente e de tantas outras, tenciona, effectivamente, propôr-se ao grau de doutor, caso unico nos fastos da Universidade e não previsto nos seus estatutos.

E' certo que já uma outra dama, Publia Hortensia, frequentou a Universidade com notavel distincção, mas não chegou a tomar capello. D'esta, que era natural de Villa Viçosa e parenta muito proxima do Arcebispo de Evora, D. João de Mello, diz a «Bibliot. Lusit.», que deseja de instruir-se nas sciencias, e como lhe servisse de obstaculo o sexo para frequentar a Universidade, o desmentiu estudando em traje de homem, e assim passeiando, conjuntamente com seu irmão Jeronymo de Castro, pelas ruas de Coimbra. Frequentou humanidades, philosophia e depois as materias theologicas. Tendo apenas 17 annos, defendeu conclusões magnas de philosophia em Coimbra, e fez igual acto de theologia em Elvas, perante Philippe II.»

Mario Vieira

Por informações vindas da cidade do Porto, sabemos que este nosso amigo e conterraneo concluiu, na sexta-feira passada, o 1.º anno da Escola Normal d'aquella cidade.

O nosso amigo obteve um resultado satisfatorio no seu exame; o que prova, attento ás muitas disciplinas que n'aquelle estabelecimento d'instrução se professam, a sua excellente applicação durante o anno lectivo. Parabens pois ao nosso amigo, e que seja tão feliz de futuro, como até hoje, são os nossos mais ardentes desejos.

Administrador suspenso

Foi suspenso o administrador de Vagos, sr. Abilio Albano de Lima Duque, e ordenada uma syndicancia aos seus actos.

As mulheres politicas...

Tendo as damas que formam o grupo da «Solidariedade das mulheres», a cuja frente se encontra Maria Martin, directora do «Journal des Femmes», «orgão do movimento feminino», escripto Cesar Sombroso para lhe perguntar o que pensava o sabio italiano da reivindicação dos direitos politicos e do desejo de fazer parte das camaras, que ellas defendem; o eminente professor espirituosamente lhes respondeu que são os deputados que produzem o maior perigo da sociedade, e accrescentou:

«Para que quereis augmentar este perigo? para que quereis fazer d'este machinismo, sempre inutil e as mais da vezes prejudicial? para que quereis sobrecarregar-vos com responsabilidades que por agora não vos oneram?»

E depois de desenvolver este thema diz-lhes:

«Não supponhaes que vos quero roubar toda e qualquer influencia politica.

«Tendes meios de conquistar os poderes publicos mais seguros e mais amáveis, renovando em França essas milagres de piedade, de graça e de sabedoria que realisaram as vossas predecessoras no tempo dos encyclopedistas, quando o sabios, os litteratos e os politicos lhes passavam pelas mãos.

«Um outro ramo que vos compete por inteiro é o da caridade e da educação da infancia. No meu livro «La dama delinquente» proponho que o governo conceda ás mulheres uma pasta especial, a da caridade publica e da educação das creanças. Seriam dois ministerios bem mais uteis que os da guerra e da marinha e vel-os-hiamos engrandecer na proporção da decadencia d'estes ultimos.»

Se fosse um poeta não responderia mais espirituosa nem mais amavelmente, mostrando-se aliás, em opposição aos desejos das consultantas.

José d'Oliveira

Está em casa de seus paes na freguesia de Gemeses, d'este concelho, este nosso distincto amigo e collaborador, e alumno da escola polytechnica do Porto.

Nomeação

Foi nomeado professor interior da escola d'ensino elementar da freguezia de Palmeira, d'este concelho, o sr. José d'Abreu, filho do nosso amigo sr. Antonio d'Abreu, d'esta villa.

Os nossos parabens ao joven nomeado.

A temperatura do mar

N'esta época do anno, em que todas as pessoas abastadas vão viver nas praias, é interessante conhecer as observações feitas pela «Société météorologique écossaise,» sobre a temperatura da agua do mar.

Experiencias seguidas quotidianamente durante quatro annos e nove mezes, provaram que o calor do estio penetrava gradualmente na agua do mar attingindo esta a sua maxima temperatura pelos fins do mez de agosto. N'esse momento, a agua está mais quente que o ar.

O mar está tão quente no fim de outubro como em meados de junho. O periodo comprehendido entre esses dois mezes deve ser considerado como a verdadeira estação normal dos banhos de mar.

Um outro resultado d'essas observações é que é mais perigoso banhar-se durante os primeiros calores do estio que durante os dias já frios do meado do outono.

SYNDICANCIA

O sr. ministro da justiça encarregou o sr. juiz de direito da comarca de Fornos d'Algodres de syndicar dos actos do juiz de direito de Celorico da Beira, sr. dr. Bernardo d'Albuquerque Silva Amaral.

O preço do sal

O sal regula em Aveiro pelo preço de 18\$000 rs. 15:000 litros (antigo barco); e o wagon por 15\$000 réis.

Na Figueira regula o mesmo genero por 1\$200 réis os 900 litros, e 18\$000 réis o wagon de 10:000 kilos.

A Universidade de Coimbra espalhou este anno 112 bachareis novos, sendo:

76 em direito, 25 em medicina, 7 em theologia, 3 em mathematica e 1 em philosophia.

Que de pretendentes novos!

O Album Musical

Começom em Lisboa a publicar-se este novo jornal que trata unicamente de musica, annuncios, e assumptos theatraes.

E' muito bem impresso e custa 400 reis os 3 numeros ou um mez: Assigna-se na Rua da Emenda 111 sobre loja.

Celestino Brandão

Este nosso amigo que ainda ha pouco foi nomeado socio effectivo da «Sociedade de Geographia,» de Lisboa, acaba agora de ser nomeado socio correspondente da «Sociedade dos Architectos e Archeologos Civis Portuguezes, da mesma cidade.

Esta nova distincção vem mais uma vez confirmar quanto é tido e considerado o seu formoso talento de poeta e escriptor.

Receba o illustre redactor da «Estrella Povoense» o nosso sincero e cordeal parabem.

Cavallaria

Em diligencia do Porto para Vianna do Castello, passou aqui na madrugada de 5.ª feira uma força de 22 praças de cavallaria 6, sob o commando de dous subalternos.

PÓS DENTIFRICOS INDIANOS

—RAMALHO—

Vulgarisação de romances

Vae apparecer em Lisboa a Nova BIBLIOTHECA ECONOMICA, repositório de traducções dos mais notaveis romances contemporaneos.

Como a BIBLIOTHECA ECONOMICA, que foi um verdadeiro successo, a Nova BIBLIOTHECA ECONOMICA conserva o preço de 100 réis por cada volume brochado, de 300 paginas em media!!

Nunca em Portugal, nem no estrangeiro, se fez uma publicação tão barata.

Chega a ser um milagre de editoração!

Devendo sabir dois volumes por mez, e sem interrupções, pela quantia de duzentos réis mensaes, tem uma familia leitura abundante, sã e interessante para se entreter nas horas livres e fastidiosas da vida quando se não aproveitam na leitura.

No fim do anno terá o que se pôde chamar «uma bibliotheca», formada pelos auctores mais imaginosos e dramaticos.

Recebem-se desde já assignaturas na Travessa da Queimada, 35, Lisboa, dirigidas ao sr. Rodrigo de Mello Carneiro Zagallo, a quem tambem se podem dirigir os que desejarem ser correspondentes da empresa.

Convento incendiado

Ardeu totalmente o convento de S. Romão na visinha freguezia de S. Romão do Neiva, (Vianna) que pertenceu aos frades beneditinos, e hoje era propriedade do sr. José Augusto Pereira de Barros.

O predio e dependencias estavam seguros na Garantia em 8 contos de réis.

Parte da sachristia do mosteiro tambem ardeu, bem como 80 carros de mato. Morreram 17 cabeças de gado bovino, suino e lanigero.

As imagens e alfaias foram retiradas do mosteiro ainda a tempo.

No local estiveram os bombeiros voluntarios e as auctoridades de Vianna; agentes de seguros, e grande numero de populares.

Dialogo entre amigos

—O' Gregorio e tu, Pancrácio, onde vão vocês?

—Vamos ao Porto dar um passeio e comprar fatos para ambos. Queres vir, Jacintho?

—Eu?! Não me faltava mais nada do que ir ao Porto de proposito para comprar um fato.

—Por que dizes isso?

—Por que temos cá em Espozende quem nos sirva bem e mais barato.

—Quem?

—O Vallerio & Pinheiro que tem um bom estabelecimento de fazendas na Rua Direita, n.º 25, a 25, A.

—Ora, deixa-te de historias! em qualquer loja d'esse genero, no Porto, podemos escolher à nossa vontade.

—Tambem o Vallerio & Pinheiro tem um bello sortido, como as casas do Porto.

Alem d'isto compra nas fabricas e limita-se a ganhar pouco, não tendo um estabelecimento luxuoso como muitos que ha no Porto, que importam em muito dinheiro, e que quem paga é o consumidor.

—D'accôrdo, mas nós queremos antes ir ao Porto.

—Pois vão, vão, meninos, e quando os fatos estiverem promptos, veremos quaes são os melhores e os mais baratos, se aquelle que vocês vão mandar fazer no Porto se o que eu encomendei ha dias no Vallerio, e talhado e feito pelo mestre alfaiate, Vasco Pinheiro.

—Está dito. Até breve!

—Adeus, Gregorio! Adeus, Pancrácio! Até á semana que vem!

PÓS DENTIFRICOS INDIANOS

—RAMALHO—

Communicado

Por absoluta falta de espaço não podemos dar hoje publicidade a um do nosso amigo Antonio Pires Salteiro, o que faremos no proximo n.º.

VIAGENS & SALLAS

Partiu na ultima 5.ª feira para o Porto, alim de concorrer ao exame do 1.º anno da Escola Normal, o nosso amigo Mario Vieira.

Tem estado entre nós o sr. Joaquim Celestino Niuy, escrivão da camara municipal de Cerveira.

Tambem está n'esta villa, aonde tencionia passar a época balnear, a esposa do sr. Manoel Nunes Pereira, e seus gentis filhinhos.

Na 2.ª feira ultima, estiveram n'esta villa os srs. Thomaz de Carvalho, Camillo M. de Sá Pinto Abreu Sotto Maior e João G. de Sá, distincto cavalheiros do Porto.

Acha-se incommodado de saude, o rev. P.º Carlos Maria de Passos Pereira Maciel, dignissimo parochio d'esta villa.

Desejamos-lhe rapidas melhoras.

PENSAMENTOS E REFLEXÕES

Colleccionados por Albino Bastos

A ausencia diminue as paixões pouco arreigadas e augmenta as grandes, como o vento apaga as vellas e accende o lume. Rochefoucauld.

Ansencias breves reanimam e accendem o amor: ansencias longas o apagam e aniquilam. Janer.

A belleza é o primeiro presente que a natureza offerece ás mulheres, e o primeiro que lhes tira. Méry.

A mulher que nos dá um beijo, da-nos tuda se lh'o exigirmos. Bastos.

Uma mulher bonita é um joguete gracioso que agrada a todos; mas quando só é bonita, os homens de talento divertem-se e os tolos namoram-se. Ricard.

Não ha cousa mais pesada que uma mulher. Bastos.

A mulher não tem caracter em quanto se não casa: antes costuma ter o que o noivo quer ou o que a mãe convém. Palacio.

Em amor, a casualidade é um grande mestre; teade pois o anzol preparado; onde menos o pensardes encontrareis caça. Ovidio.

Quem muito resa; algo teme. Adagio popular.

Os contratadores das bestas atam um punhado de palha á cauda das cavalgaduras para annunciarem a venda; as mulheres ricas rodeiam o pescoço de ornamentos para declararem que estão vendidas. Ricard.

LITTERATURA

ALVORADAS

A tua pupila negra e luminosa E' de meu destino rutilante polo; Vejo a tua alma ainda mais formosa Que a suavissima curva do teu collo.

N'essas faces de neve colorida Por um vermelho attenuado e puro, N'essa boquinha de romã fendida N'esse cabelo, mais que a noite escura.

No teu andar tão leve que parece O voar d'uma pomba a pouca altura, No teu fallar tão casto como a prece Na tua voz de singular doçura,

N'esse teu ser correcto illuminado Pela magica aurora dos vinte annos Em cujo céo se libra o bando amado; De ideias mais divinos que humanos,

Sabes tu o que eu vejo, doce amada, E o que ha de ver o animo mais frio? O riso festivo d'uma alvorada Cantando as menses de vindouro estio.

ALBINO BASTOS.

EXCELLENTISSIMAS

Elegantes senhoras de Espozende, Trago no peito meu a chamma acceza D'uma paixão; a vossa gentileza E' quem a chamma de este amor accende.

O que eu desejo pois (bem se comprehende) E' casar. Eu posuo uma belleza Pouco vulgar, e tenho a natureza Desenvolvida como se pretende.

Bem vedes, tenho uma elegancia rara, Porem, senhoras... perdoae-me... a cara... A cara... sim... perdoae, é um pouco... em summa:

Não é bonita... não... é um pouco chata. Oh! mas o olhar!... tenho uma catarata Lá isso é certo, isso é... mas é só uma...

Do mais sou elegante, sou bem frito. Só as pernas... sim... éssas... uma é torta; Desloquei-a, em pequeno, entre um a porta; Vós perdoaes, decerto, este defeito.

Quanto ao pé, esse é lindo, é branco, é estreito, Um pouco compridito, sim, e entorta Para dentro, senhoras, mas... que importa? Se elle é comprido e forte, se é perfeito?

Do resto, em tudo bom... mas... sou um pouco Defectuoso no ouvir... sou quasi mouro... No resto não sou mau... lá isso não.

Por isso, e attendendo aos dous que agora, Me adoram, senhoras sem demora Vos peço que mandeis... PINHO NEGRÃO.

UM QUADRO LUGUBRE

Passadas haviam já dez noites que na pobre choupana não deixara de tremetuzir a candeia de azeite e a decima primeira noite ia já em meio.

Angelica, a pobre e desamparada viuva, velava ainda o leito de seu filho que se estorcias nas horrisonas vascas d'uma agonia mortal. As dores, n'aquella noite, nem um momento lhe deram para o repouso.

Mãe!—disse o muribundo com voz suffocada—chegou a hora terrivel de nos separarmos, e n'este momento a dor que mais me atormenta é anossa separação... Mãe! não chores a minha morte que eu do ceo pedirei ao bom Deus por ti... Mãe... adeus até...—e expirou o filho da pobre Angelica, a desamparada viuva.

Adeus mortal, foi o do pobre muribundo; adeus mortal porque tão fundo fóra o sentimento, tão maguado foi aquelle adeus, que inouduo de magua o coração da infeliz mãe e matara-a tambem. Momentos depois uma forte aragem penetrara a furto na pobre choupana, e a luz pereceu tambem de susto e de terror. Depois trevas... só trevas velavam os trez cadaveres!

Marinhas-Agosto 94. M. DO PILLAR.

NASCER, VIVER E MORRER

Ai quem podesse o poder, Por via dos ternos laços, Dera o mundo, n'esses braços, NASCER.

Nascer embora a soffrer Agruras asp'ras da sorte! E, affrontando a morte, VIVER.

Viver sorrindo, viver Em terno e doce confronto! Mas nasci, e vivo, e conto, MORRER... A. PINHEIRO.

ARMAS

—Qual a mais forte das armas, A mais firme a mais certa? A lança, a espada, a clavina; Ou a funda aventureira? A pistola? O bacamarte? A pistarda, ou a flecha? O canhão que em praça forte Faz em dez minutos brecha? —Qual a mais forte das armas? — O terçado, a figa, o chuço,

O dardo, a maça, o virote? A faca, o florete, o laço, O punhal, ou o chifarote?... A mais tremenda das armas, Peior que a durindana, Attendei, meus bons amigos: Se appellida—a lingua humana!

F. V.

ANNUNCIOS

AO COMMERCIO

Francisco José Ferreira communica ao respeitavel corpo commercial que nesta data admitiu para socio de sua casa seu antigo empregado Gregorio José dos Reis, ficando sob a razão de Francisco José Ferreira & Comp.º cargo da qual ficará todo activo e passivo da extincta firma.

Maranhão 1 de Julho de 1894. Francisco José Ferreira. Gregorio José dos Reis.



Depositario da Real Companhia de Tabacos de Portugal

Francisco Mendes d'Oliveira, previna o respeitavel publico de que se acha habilitado para fornecer toda a qualidade de tabacos para revender, n'este concelho, por isso que é o unico depositario d'aquella companhia.

Espera que os seus amigos e jreguezes procurem o seu estabelecimento sito á rua Direito d'esta villa.

ALFAIATERIA

Rua do Caes, n.º 12-1.º andar

Vasco Pinheiro, alfaiate, e encontrantemestre das principaes casas de Lisboa e Porto, abriu o seu «atelier» na rua do Caes, 12—1.º, onde espera receber a visita do ex.ºº srs. que desejem vestir com elegancia.

Rua do Caes n.º 12—1.º ESPOZENDE

LEGISLAÇÃO DO PROFESSORADO PRIMARIO

Obra util a todo o funcionalismo d'esta classe do magisterio

CONTEM:

Decreto de 6 de maio de 1892 que transf'riu a superintendencia dos servicos de instrucção das camaras municipais para o governo seguido de um compendio contendo todas as leis, decretos e portarias, que modificaram, alteraram ou esclareceram as leis reguladoras dos servicos de instrucção primaria e bem assim uma synopse das mais importantes circulares e officios do Ministerio do Reino; Mappas de Legislação, e muitas outras instrucções para uso dos professores primarios e seus ajudantes.

PREÇO 200 REIS

PENSAMENTOS E REFLEXÕES colleccionados por Albino Bastos LUIZ VIANNA. EMPRESA EDITORA «D'O RECREIO» 59, Rua de Marechal Saldanha, 61 LISBOA

LAUDISLAU BATALHA MISERIAS DE LISBOA

romance da actualidade

Cada fasciculo contendo 8 folhas em 8.º ou 4 folhas e uma estampa 50 reis. —Cada volume brochado, por assignatura, 400 reis.

A expedição para a provincia das assignaturas aos fasciculos é feita de dois em dois fasciculos e a coranção pelo correio ás series de 10 fasciculos (500 reis). —A expedição das assignaturas a volumes é feita logo que o volume esteja concluido e a cobrança feita pelo correio (400 réis) evitando-se assim maior incommodo, e despezas aos srs. assignantes.

Enviam-se avisos de recepção quando sejam enviadas quantias superiores a 600 réis.

PHARMACIA CENTRAL ESPOZENDENSE



DE JOSÉ CANDIDO DA SILVA RAMALHO RUA DIREITA—ESPOZENDE

Serviço permanente

Esta pharmacia, fornecida convenientemente de todos os preparados chimicos, indispensaveis ao uzo da sciencia medica, tem um variado sortimento de medicamentos estrangeiros, cuja barateza e indiscutivel utilidade não desmentem a solida reputação d'esta já muito acreditado estabelecimento.

Pomada anti-herpética

Cura todas as molestias de pelle. Preço da caixa 120 reis.

Injecção adstringente calmante

Cura todas as bleunorrhagias as mais rebeldes. Preço do frasco 300 reis.

Específico contra callos

Eficaz para a destruição completa dos callos. Preço do frasco 300 reis

Xarope vermifugo

O melhor medicamento conhecido contra as lombrigas

Deposito geral—PHARMACIA CENTRAL—ESPOZENDE

EDITORES—BELEM & C. Rua do Marechal Saldanha, 26 — Lisboa

OS FILHOS

MILLIONARIA

Nova produção de ÉMILE RICHEBOURG

Edição illustrada com bellos chromos e magnificas gravuras.

E' um verdadeiro romance de sensação e um trabalho litterario de primeira ordem o que vamos editar com o titulo «Os Filhos da Millionaria».

Publicado ultimamente em folhetins em um dos principaes jornaes parisienses; a sua leitura despertou verdadeiro entusiasmo entre os amadores da litteratura romantica, que o apreciaram como sendo uma das mais brilhantes affirmações do grande talento e do alto espirito do seu auctor, já laureado por outros trabalhos trabalhos valiosissimos, muitos dos quaes são cohecidos dos nossos assignantes, taes como—A Mulher fatal, A Martyr, A Filha Maldita, O Marido, A Esposa, A Avó, etc.

O grande apreço que estes romances teem merecido entre nós, anima-nos a esperar que o facto de ser escripto pela mesma penna o novo e admiravel trabalho litterario que vamos emprehender, constina recomendação bastante para incitar á sua leitura.

BRINDE A TODOS OS ASSIGNANTES

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a «Vista geral do monumento da Batalha.» Tirada expressamente para este fim, e reproduzida em chromo a 14 côres, copia-fiel d'este magestoso monumento historico, que é incontestavelmente um dos mais perfeitos que a Europa possui.

Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais completa e detalhada que até hoje tem apparecido.

«Brinde aos angariadores de 5, 10, 15 e 30 assignaturas.

«Condições d'assignatura:» Chromo, 10 réis, gravura, 10 réis; folha de 8 paginas, 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 60 réis, pagos no acto da entrega.

O porte para as provincias é á custa da Empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da antecedente.

«A empresa» considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de 3 assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sendo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—Rua do Marechal Saldanha, 26, Lisboa, onde se podem requisitar prospectos.

Novidade Litteraria

CHOROGRAPHIA DE

PORTUGAL, ILLUSTRADA

50 gravuras e 20 mappas a côres

por FERREIRA-DEUSDADO

Professor proprietario lyceal de Geographia, Historia e Philosophia antigo membro do Conselho Superior d'Instrução Publica, director da Revista d'Educação e Ensino &

Custo 1\$000 reis

GUILLARD, AILLAUD & C.

Casa Editora e de Commisões Lisl oa 242, rua Aurea, 1.º Lisboa.

A' venda em todas as livrarias.

Empresa Editora Nello d'Acvedo & C.

Publicação de romances historicos portuguezes, especialmente consagrados a reproduzir os nossos fastos gloriosos do ultramar.

Inaugura a Empresa suas publicações com a dos

ORPHAOS DE CALCUT

romance historico pelo

sr. Henrique Lopes de Mendonça.

Já se acha no prélo e em breve será posto á venda em todas as livrarias.

Tambem poderá ser adquirido por assignatura, bem como todas as outras obras que forem publicadas, distribuindo-se semanalmente uma caderneta de 3 folhas de 8 paginas cada uma, por 60 reis pagos no acto da entrega. As illustrações com que as obras adornadas são dadas como brinde.

Assigna-se e vende-se em todas as livrarias, e no escriptorio da Empresa (provisorio) na rua dos Retrozeiros n.º 147, Lisboa.

Assigna-se na livraria de Julio Joaquim Barreto—Barcellos.

ECHOS FINAES DO CENTENARIO HENRIQUINO

Foi posto á venda em todas as livrarias e kiosques d'esta cidadeum opusculo com este titulo.

Sufficientemente desenvolvido, torna-se curioso de fórma a despertar a attenção de todos quantos assistiram e ouviram fallar das admiraveis festas do centenario do Infante D. Henrique.

Eis o titulo de alguns capitulos:

Ao leitor—Projecto do centenario henriquino—O Porto em festa—O que deviam ser as festas henriquinas—Commemorações festivas—Festas publicas e particulares—Publicações centenarias—Conclusão.

PREÇO 50 REIS

Aos revendedores do Porto e provincias vantajosos descontos.

O conselheiro economico das familias

Obra utilissima a todas as senhoras para uso quotidiano da vida domestica. Um volume, em brochura 300 reis

Com elegante encadernação em percalina..... 500 reis

Livraria Editora—Viuva Jacinto Silva

434, Rua do Almada, 136

PORTO

Novidade Litteraria

ONSENHOR DE FOIOS

Romance

Fundado sobre uma lenda oral portuguez, que acompanhou a vida excêntrica e misteriosa de um rico fidalgo provinciano, fallecido ha annos,—«chronica de aldeia e da cidade»—estudo rigoroso de varios sentimentos e costumes.

por SANCHES DE FRIAS (Visconde de)

A SAIR

por todo o proximo mez de maio, n'uma edição nitida e escripta em linguagem vernacula.

Deposito Geral e Expédiente—Calças da da Graça, 12—Lisboa.

ALMANACH DE BRAGA E SEU DISTRICTO

para 1895

Editado pela acreditada casa editora de Braga, de Laurindo Costa, começa a imprimir o excellente ALMANACH DE BRAGA E SEU DISTRICTO, o mais completo e interessante no genero.

Todos os pedidos devem ser feitos á livraria de Laurindo Costa, Largo do Barão de S. Martinho 41 e 42, Braga. O preço de cada exemplar é de 300 reis.

REMEDIOS DE AYER



Vigor do cabello de AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer. O remedio mais seguro que ha para cura da tosse,

bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

Perfeito desinfectante e purificante de JEYES

—para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metais, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias, PREÇO 240 REIS.



VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

E' o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instruções.

Sabonetes de glicerina marca «Cassels» muito grandes, da melhor qualidade e amaciam a pelle.

Preço 700 reis a duzia (5)

Um variado sortimento de cili-tas, setinetas, mortos, panos crus, riscados, colins, merinos, sarge-lins, casturinas, algodões, lãs e mais muldrezas. Bons generos de mercearia, ge-nebras, vinhos engratados, café puro, chás de superior qualidade, louças, cera e muitos outros generos que não podemos aqui mencionar. Ao Mendest! Ao Mendest! Divisa da casa: Vender barato, para ven-der muito.

Francisco Mendes d'Olivei- RA, Rua Direita, 26 ESPOZENDE (4)

CASA BARRATEIRA Novo estabelecimento de MERCEARIA, FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS

FABRICA DE ADUBOS CHIMICOS

NORTE DE PORTUGAL (A VAPOR)

Adubos para cereas—milho e feijão, batatas, vinha, leguminosas, etc.—Gesso, nitrato, superphosphatos.

Dosagens garantidas

Vendas mensaes em 1892 800 saccas.

» em 1893 3:100 saccas.

Com o nosso machinismo, todo francez, a Empresa pôde agora fornecer 1:500 saccas por dia.

Pedir prospectos e informações ao

Agronomo: ASTIER VILLATE (3)

RUA FORMOSA, 250 — PORTO

Advertisement for 'CONTRA A TOSSE' (Against Cough) featuring a portrait of a man and text describing the 'XAROPE PEITORAL JAMES' medicine, its efficacy, and where to purchase it.

Advertisement for 'LOJA POPULAR ESTABELEECIMENTO' (Popular Store Establishment) by Faria Vallerio & Pinheiro, listing various goods like fabrics, ribbons, and stationery.